

Os Lojistas e o Contador

Recontado por Eesha Sardesai

Em algum lugar na região dos Alpes, abrigado em um vale que serpenteava ao pé de uma de suas montanhas majestosas, havia um vilarejo. E bem no centro do vilarejo, havia uma loja. Era uma loja de artigos em geral, onde uma pessoa poderia encontrar qualquer coisa: desde comida a sabonetes, luvas de lã macias e chapéus. Os habitantes do vilarejo adoravam esse local. Pela manhã eles viriam para comprar um filão de pão fresquinho e também os ingredientes necessários para cozinhar naquele dia. No meio da tarde eles dariam um pulinho lá para comprar qualquer coisa que tivesse acabado ou estava faltando em casa: velas, um carretel de linha, um xarope de ervas para curar um resfriado. À noite elas passariam na loja para dar um alô rapidinho para quem quer que estivesse dando um tempo por ali. O local era não só uma loja, mas também um ponto de encontro, um centro de referência e um lar para todos.

Os proprietários eram marido e mulher, que haviam herdado a loja da família quando eram ainda recém-casados. Eles se chamavam Hans e Frida, e eram muito queridos pelas pessoas do local, sendo que seus olhos amáveis, e sua disposição para conversar eram tão parte da loja quanto os beirais de madeira do telhado e as prateleiras de madeira que iam do chão ao teto.

Hans e Frida adoravam o seu trabalho. A loja era a paixão deles, a forma que tinham de contribuir com sua comunidade. E mesmo que seus ganhos não fossem exagerados, eles nunca sentiram que tinham motivo para reclamar. Ao final de cada semana, eles contabilizavam seus gastos e rendimentos em um enorme livro encadernado em couro, aquele tipo de livro cujas páginas pareciam pergaminhos, e que faziam orelhas de burro nos cantos. Eles sempre tiveram o que precisavam. Podiam sustentar o filho e levar uma vida confortável.

E assim, dez, vinte, vinte e cinco anos se passaram. A vida seguia seu rumo também no vilarejo, e a maior parte da loja continuou sendo como era, a relíquia de um presente eterno. A cada manhã ela abria e a cada noite ela fechava. Todos os dias as pessoas recorriam à loja, entrando e saindo. Com o tempo, o couro do livro de contabilidade passou a ficar mais macio, sua cor foi ficando de um marrom-avermelhado mais malhado.

Durante esse tempo que passou, o filho do casal, Andreas, cresceu. No anseio por aprender mais sobre o mundo que ficava além do vilarejo, Andreas se mudou para um local que ficava a algumas aldeias além da sua, para continuar seus estudos. Lá ele conheceu novas ideias, novas perspectivas, e formas mais avançadas e eficientes de fazer as coisas. De tempos em tempos ele matutava sobre como poderia utilizar no negócio dos pais parte do que estava aprendendo, como eles poderiam fazer a loja ainda mais atraente para os clientes.

Certa noite, quando Andreas estava visitando os pais, ele se sentou à mesa onde o pai estava contando a fêria daquele dia. E observou a cena familiar: o antigo cheiro vindo das vigas de madeira, a confusão de mercadorias enchendo as prateleiras.

– Pai? – disse ele, após um momento.

– Sim, filho – respondeu Hans. Ele olhava atentamente para a pilha de notas e moedas na sua frente, com um par de óculos em meia lua empoleirado sobre o nariz.

– Você já cogitou em... fazer algumas mudanças por aqui?

– Mudanças? – Hans não estava prestando muita atenção na conversa.

– Sim. Quero dizer, não me leve a mal, o que vocês fizeram com esse lugar é fantástico. Todos amam a loja. É só que – eu acho que nós poderíamos ajeitar um pouco as coisas por aqui. Colocar as coisas um pouco mais em ordem.

Hans tirou os óculos de frente dos olhos e fitou seu filho.

– O que você tem em mente?

– Bem, olha o jeito que você está contando o dinheiro. Você ainda usa o mesmo livro que usava quando eu era criança.

Andreas puxou o livro caixa para mais perto de si. Estava lotado de papéis. A lombada estava se desfazendo. Cada página estava coberta com rabiscos minúsculos e já desbotados dos cálculos de anos anteriores.

– Vê? – disse ele. – É difícil de ler, que dirá usá-lo. Você consegue mesmo saber como a loja vai indo a partir desse livro caixa? Como você sabe se nós poderemos nos sustentar no futuro, se o negócio está prosperando como deveria?

Seu pai soergueu as sobrancelhas. O seu jeito simples de contabilizar os custos e as despesas havia funcionado, perfeitamente bem para ele, durante todo aquele tempo. Porém, pensou, talvez o seu filho tivesse razão. Talvez eles realmente estivessem precisando de uma atualização.

– O que você sugere que façamos, filho?

– Eu conheço um bom contador que mora na aldeia do lado. Vou lhe pedir para dar uma olhada nas nossas finanças.

Alguns dias depois, ouviu-se uma batida na porta da loja. E um homem pequeno e encorpado entrou; ele vestia um traje preto pesado, de gola dura e engomada, e um chapéu preto de aba e topo achatado.

– Boa tarde, — ele anunciou, — eu sou Herr Imhof, o contador.

Hans, que estava por perto abastecendo as prateleiras, cumprimentou Herr Imhof. Ao lhe mostrou a loja, o homem examinava os vários itens em liquidação, ocasionalmente pegando alguns deles, e proferia sons casuais como “Humm” ou “Aaahhan” ou “Seeiii.” Hans não sabia bem o que pensar desses sons, todavia continuou sendo gentil como sempre, e conduziu Herr Imhof à escrivaninha onde se encontravam o livro caixa e as contas, e lhe ofereceu uma xícara de chá.

Herr Imhof balançou a cabeça rispidamente. Em vez do chá, ele tirou o chapéu, pegou uma caneta e seu próprio caderno bem encadernado, e começou a trabalhar.

Algumas horas depois, ele se levantou e colocou o chapéu de volta na cabeça.

— Bem — disse, — há muito trabalho a fazer, muita coisa para recontar e reavaliar, mas estou chegando lá. Voltarei amanhã.

E lá estava ele no dia seguinte. E no outro dia. E também no dia seguinte àquele. E isso continuou por algum tempo, Herr Imhof chegava pela manhã, dava uma olhada ao redor da loja com um grunhido ou uma carranca, e então debruçava-se sobre os livros até o final da tarde.

Um dia, quando já haviam passado algumas semanas nessa mesma rotina, Frida percebeu que seu marido estava estranhamente calado. Era um dia lindo — quente, ensolarado, a luz entrando pelas janelas. A loja estava cheia de gente, muitas delas conversando animadamente sobre o que queriam comprar para levar para uma caminhada ou para um piquenique nas montanhas.

— O que você tem? — perguntou Frida. — Por que você está tão calado?

Hans olhou para as próprias mãos, as rugas marcando os vincos na testa. Ele não respondeu.

— O que foi? Você sabe que pode me contar.

— É o contador. O Herr Imhof. — Os vincos em sua testa se aprofundaram mais ainda.

— O que tem ele?

— Na noite passada quando ia embora, ele...ele me disse... — A voz de Hans foi se apagando.

— Sim? O que foi que ele disse para você?

Hans soltou um suspiro, compadecido.

— Ele disse que nós estamos indo à falência.

— O que? — disse Frida. — Como pode ser?

— Ok, está bem, nós não estamos falidos agora, mas o Herr Imhof disse que nós *podemos* ir à falência em algum momento no futuro! Ele disse que nós precisamos aumentar a loja, que precisamos conseguir mais clientes e diferentes tipos de produtos, que temos feito tudo errado!

E escondeu a cabeça entre as mãos, completamente desolado.

Frida olhou para a loja à sua volta. As pessoas abarrotavam os corredores estreitos, rindo, falando, apanhando suprimentos. Uma fila de clientes estava começando a se formar no caixa. Ela virou para seu marido.

— Deixa eu te fazer uma pergunta, meu querido.

— Sim? — disse Hans com uma voz abafada. Sua cabeça ainda estava enfiada entre as mãos.

— Todos esses anos nós temos sido os donos dessa loja, certo?

— Sim.

— E durante todo esse tempo, sempre tivemos clientes, certo?

— Sim.

— Você sempre manteve o registro das entradas e das despesas, certo?

— Sim.

— E nós sempre tivemos dinheiro o suficiente, certo?

— Sim.

— E nós sempre fomos felizes, certo?

— Sim, muito felizes.

— Então, o que é que mudou?

Hans olhou para a sua esposa. A expressão no seu rosto — de tristeza, de angústia — começou a desaparecer.

E então ele disse:

— O contador!

